

Planejamento para aposentadoria: saúde geral, finanças e qualidade do relacionamento

Alexsandro Luiz De Andrade
Julia Carolina Rafalski

Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil

Luiz Gustavo Silva Souza

Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil

Manoela Ziebell de Oliveira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, Brasil

Resumo

O presente artigo explorou como a remuneração, a percepção de saúde e a qualidade com o relacionamento atual se relacionam e preveem as expectativas e percepções sobre como serão os aspectos relacionados a finanças, saúde e relacionamento interpessoal na aposentadoria. Foram participantes 406 indivíduos adultos brasileiros, homens e mulheres, divididos em dois grupos: estágio de estabelecimento (entre 30 a 39 anos; N = 177) e pré-aposentadoria (entre 44 e 59 anos; N = 229). Estes responderam um questionário contendo: escala para avaliação da percepção futura da aposentadoria, escala de satisfação geral com o relacionamento, questionário de saúde geral reduzido e questionário sociodemográfico. Os resultados apontaram correlações positivas entre diferentes dimensões das percepções futuras da aposentadoria com saúde geral, qualidade do relacionamento e renda atuais. A saúde geral foi o aspecto mais preditivo das percepções futuras em relação à aposentadoria. Qualidade do relacionamento e renda foram variáveis predictoras apenas para participantes em estágio de pré-aposentadoria.

Palavras-chave: Aposentadoria; Envelhecimento; Conjugalidade; Saúde; Trabalho.

Retirement planning: general health, finance and quality of relationship

Abstract

The present study aimed at exploring how income, expectations and perceptions about how current evidences of health and satisfaction with the present romantic relationship relate to and predict perceptions about personal finance, health and interpersonal relationships in future perception of retirement. Participants were 406 Brazilian individuals, men and women, divided in two groups: establishment stage (ages 30 through 39; N=177) and pre-retirement (ages 44 through 59; N=229). They answered a survey composed of sociodemographic questions and scales to evaluate: perceptions of future retirement, satisfaction with the relationship, and general health. Results showed positive correlations between different dimensions of the perceptions of future retirement and current general health, satisfaction with the relationship, and income. More specifically, general health was the most predictive aspect of future retirement variables. Quality of the relationship, and income were predictive variables only for participants in the pre-retirement stage.

Keywords: Retirement; Aging; Conjuality; Health; Work.

Planificación para la jubilación: salud general, finanzas y calidad de la relación

Resumen

El presente artículo exploró cómo la remuneración, la percepción de la salud y la satisfacción con el relacionamiento actual se relacionan y prevén las expectativas y percepciones acerca de como serán los aspectos relacionados a las finanzas, la salud y los relacionamientos interpersonales en la futura jubilación. Participaron del estudio 406 individuos adultos brasileños, hombres y mujeres, divididos en dos grupos: etapa de establecimiento (30 a 39 años; N = 177) y pre-jubilación (44 a 59 años; N = 229). Los participantes respondieron un cuestionario con preguntas sociodemográficas y escalas para evaluar: las expectativas acerca de la jubilación, satisfacción general con el relacionamiento, y salud general. Los resultados apuntaron correlaciones positivas entre diferentes dimensiones de la percepción de la futura jubilación con salud general, satisfacción con el relacionamiento y renta. Por su parte, la salud general fue el aspecto más predictivo de las variables relacionadas a las percepciones de la futura jubilación. La cualidad conyugal y la renta fueron variables predictoras sólo para los participantes en la fase de pre-jubilación.

Palabras clave: Jubilación; Envejecimiento; Conyugalidad; Salud; Trabajo.

Introdução

Em 1957 Donald Super descreveu a carreira como a combinação e sequência de papéis desempenhados por uma pessoa ao longo de cinco estágios de desenvolvimento caracterizados por tarefas específicas. Os papéis incluiriam, por exemplo, os de criança, estudante, trabalhador, cônjuge, aposentado ou aposentada. Os estágios propostos constituiriam maxiciclos de carreira e foram nomeados pelo autor a partir de sua tarefa principal que era entendida como intimamente relacionada à etapa de desenvolvimento do indivíduo, a saber: crescimento (infância; desenvolvimento do autoconceito e compreensão geral sobre o mundo do trabalho), exploração (adolescência; experimentação de aulas, trabalhos e passatempos e desenvolvimento de habilidades), estabelecimento (adulthood jovem; ingresso no mercado de trabalho, aprimoramento de competências e estabilização na atividade de trabalho), manutenção (maturidade; processo contínuo de aprimoramento) e desengajamento (velhice; preparação para a aposentadoria) (Lassance & Sarriera, 2009; Super, 1957; 1980; Super et al., 1996). Posteriormente, em adição à ideia original, Super (1980) e Super et al., (1996) apresentaram o construto de reciclagem ou miniciclos, que posteriormente foi aprofundado por Savickas (2013). Embora sejam compreendidos a partir das mesmas nomenclaturas e envolvam basicamente as mesmas tarefas, os miniciclos, diferentemente dos maxiciclos, são transversais e não há qualquer indicação de faixas etárias, extensão temporal, ou frequência com que podem ocorrer ao longo da carreira (Ambiel, 2014).

O presente artigo irá abordar a preparação para o processo de Desengajamento. Classicamente esse processo (originalmente chamado de Declínio) é utilizado para fazer referência a um maxiciclo de carreira que ocorre com profissionais seniores em preparação para a saída do mercado de trabalho (Super, 1957). Em função do caráter depreciativo que com frequência é atribuído ao termo Declínio e também da compreensão de que o Desengajamento é um processo (ou miniciclo de carreira) que se faz presente em qualquer transição de carreira, este último passou a ser utilizado para descrever, de forma ampla, os processos de transição para uma situação de carreira diferente da atual, caracterizado por uma desaceleração das atividades e distribuição das responsabilidades para outros trabalhadores em face de uma transição, motivo pelo qual, com frequência, é associada à aposentadoria (Ambiel, 2014).

Um estudo brasileiro recente investigou o impacto da saliência do papel de trabalhador nos

valores de trabalho e na preocupação e envolvimento com as tarefas de desenvolvimento de carreira de 499 indivíduos estáveis na carreira e em transição (Lassance & Sarriera, 2012). Os resultados indicaram que não foi observado efeito da saliência ou interação entre saliência e transição para a variável preocupação com o desengajamento. Entretanto, houve um efeito principal da transição sobre a preocupação com as tarefas de desengajamento, estando os participantes em transição mais preocupados do que os estáveis. Este resultado foi explicado pelos autores pela importância que a preparação para a aposentadoria assume na atualidade, uma vez que se observa aumento da longevidade. Outro fator que possivelmente contribui para a preocupação com o desengajamento é o constante debate acerca da reforma da previdência – que assim como o envelhecimento populacional, é tema de destaque da agenda política e social não só do Brasil, mas de diversos países. Como consequência desses dois aspectos, no contexto científico, observa-se uma crescente preocupação com temas como a saúde no envelhecimento, as pressões financeiras sobre os fundos de aposentadoria e a perspectiva da permanência cada vez mais prolongada dos profissionais no mundo laboral. Todavia, embora o volume de pesquisas sobre aposentadoria venha aumentando gradualmente nos últimos anos, este ainda é um campo de estudos a ser amplamente explorado.

Investigações científicas recentes apontam tanto efeitos negativos como positivos de estar aposentado ou aposentada para a vida do trabalhador (Leandro-Franca, Murta, & Iglesias, 2014). Um estudo realizado com uma amostra de brasileiros, por exemplo, indicou que aposentadoria mal planejada é um dos fatores determinantes de prejuízo para a vida social e econômica, bem como para o incremento das ameaças à saúde física. Verificou-se que o suicídio entre o grupo investigado frequentemente é favorecido por aspectos como depressão, isolamento social, declínio profissional e problemas socioeconômicos (Minayo, Cavalcante, Mangas, & Souza, 2012). Há evidências ainda de que a ausência de planejamento para aposentadoria, principalmente quando esta ocorre de forma involuntária amplia a probabilidade de aumento do consumo de álcool em idosos (Leandro-Franca et al., 2014).

Devido a constatações como essas, a recomendação da OMS (Organização Mundial de Saúde) e da ONU (Organização das Nações Unidas), feita no encontro mundial sobre envelhecimento, em Madrid, foi a de garantir a mobilidade, a independência e a saúde dos trabalhadores e aposentados à medida que envelhecem. Algumas das medidas sugeridas para isso

foram: contemplar a necessidade de atualização dos trabalhadores mais velhos, a flexibilização de horários de trabalho, a redução dos preconceitos quanto à idade, a promoção de equilíbrio nas equipes intergeracionais e a criação de programas de preparação para a aposentadoria destinados àqueles que desejam ou precisam sair do mercado de trabalho (WHO, 2002).

Internacionalmente, boa parte da literatura sobre o processo de aposentadoria dedica-se a investigar programas de preparação para esta etapa de transição como os recomendados no encontro de Madrid. Adams e Rau (2011), em extensa revisão de literatura sobre as principais questões relevantes para o planejamento da aposentadoria, apontam que é importante considerar o relacionamento conjugal e familiar no processo de preparação para aposentadoria. A esse respeito, Anson, Antonovsky, Sagy e Adler (1989) afirmam que uma vez que a aposentadoria é considerada uma fase marcada pela modificação significativa, e mesmo perda de papéis sociais, a solidez da estrutura familiar é entendida como um indicativo de sucesso nessa etapa de vida. Carter e Cook (1995) e Floyd et al. (1992) salientam que as relações familiares estão entre os principais recursos utilizados pelos trabalhadores mais velhos a fim de garantir uma transição bem-sucedida para a aposentadoria. Segundo os autores, ter vínculos familiares mais estabelecidos facilita a transição, a adaptação e a capacidade de obter satisfação com o momento da aposentadoria, uma vez que o círculo familiar e de amigos passa a ser a maior fonte de estímulos sociais após a saída do trabalho.

Outros pontos relevantes para esses programas de preparação para aposentadoria, segundo Adams e Rau (2011), são questões como comunicação, solução de problemas, compromisso, relacionamento sexual e finanças. No que diz respeito ao aspecto financeiro, já foi observado em pesquisas que ser casado influencia positivamente o planejamento das finanças (Almenberg & Säve-Söderbergh, 2011; Ng, Tay, Tan, & Lim, 2011) e que o suporte do cônjuge influencia positivamente comportamentos relacionados ao planejamento e à administração das finanças (Chou, Yu, Chan, Chan, Lum, & Zhu, 2014).

No Brasil, o principal foco da produção científica sobre aposentadoria, mesmo mais recente, são os processos de elaboração e realização de programas de preparação para aposentadoria. Um exemplo é o estudo de Leandro-França, Murta, Negreiros, Pedralho e Carvalhedo (2013), que ofereceram uma intervenção breve de três horas a 41 servidores públicos. A intervenção abordou as expectativas dos participantes em relação à aposentadoria, a identificação de recursos favoráveis a uma boa aposentadoria e o encorajamento

para desenvolvê-los, a promoção de autoeficácia, bem como promoveu a elaboração de um guia autodirigido e de um plano de ação individual para a aposentadoria. O programa foi seguido de três etapas de monitoramento longitudinais e a avaliação dos participantes foi de satisfação com a interação social e com as estratégias utilizadas e de insatisfação com o número reduzido de encontros. Outro estudo sobre a mesma intervenção, realizado por Leandro-França, Murta e Villa (2014b) investigou a confiabilidade das mudanças entre os escores pré e pós-intervenção. Os resultados indicaram que a intervenção se mostrou eficaz na promoção de mudanças positivas confiáveis em comportamentos de autonomia e bem-estar em metade da amostra.

Outro estudo conduzido por Murta et al. (2014) descreveu o processo de implementação e avaliação de um programa de preparação para aposentadoria (PPA) de uma Universidade pública brasileira do qual participaram treze indivíduos, que foram distribuídos em dois grupos os quais receberam 24 horas de intervenção informativa e vivencial durante oito semanas. Os autores tinham como objetivo reduzir quadros de estresse e depressão e melhorar a qualidade de vida (independência funcional, engajamento em atividades sócio ocupacionais, promoção e manutenção de vínculos afetivos e percepção de satisfação com a vida) nos anos que antecedem e sucedem a aposentadoria. Os relatos dos participantes indicaram que a intervenção alcançou com sucesso seus objetivos. Todos os entrevistados relataram ganhos decorrentes de sua participação e manifestaram essa satisfação por meio da qualidade do vínculo com as facilitadoras, do conteúdo das avaliações e da percepção de alívio e segurança no último módulo, quando todos manifestaram compreender como conduzir um processo de aposentadoria que pudesse ser bem-sucedido.

Como se pode perceber, os programas de preparação para aposentadoria são, com frequência, bem avaliados pelos indivíduos que deles participam. Adicionalmente, a literatura apresenta evidências de sua eficácia para boa parte dos participantes. No entanto, o fato de nem todos se beneficiarem de tais intervenções pode estar relacionado às preocupações e percepções que cada indivíduo tem sobre esse processo, que embora sejam contempladas, podem nem sempre ser endereçadas da melhor maneira.

Na literatura nacional ainda são escassas as pesquisas acerca da relação dos fenômenos de interação entre variáveis relacionadas à vida pessoal e de trabalho no envelhecimento e aposentadoria. Uma busca simples pelo termo “aposentadoria” em dois periódicos especializados nas áreas de carreira e organizações no ano de 2017, a saber, a Revista da Associação Brasileira

de Orientação Profissional (*Revista da ABOP*) e a *Revista Psicologia Organizações e Trabalho* (RPOT), retornou, respectivamente, seis artigos no primeiro periódico (Duarte & Melo-Silva, 2009; Leandro-França, Murta, & Iglesias, 2014; Leandro-França, Murta, Negreiros, Pedralho, & Carvalhedeo, 2013; Pazzim & Marin, 2016; Pereira, Couto, & Scorsolini-Comin, 2015; Rodrigues, Ayabe, Lunardelli, & Câneo, 2005), e 10 artigos no segundo (Antunes, 2017; Antunes & Moré, 2016; Boehs, Medina, Bardagi, Luna, & Silva, 2017; Costa & Soares, 2009; França & Seidl, 2016; França, 2010; Leandro-França, Murta, & Villa, 2014; Menezes & França, 2012; Rafalski & Andrade, 2016; Zanelli, 2012). Ainda a respeito das publicações na área, segundo aponta a revisão de 42 artigos publicados em periódicos brasileiros e latino-americanos, realizada por Boehs, Medina, Bardagi, Luna e Silva (2017), houve um significativo aumento do número de estudos sobre o tema nos últimos anos, em especial de estudos empíricos a respeito do tema “preparação para a aposentadoria”. Os autores concluem que é necessário diversificar as abordagens, os métodos de pesquisa e de intervenção sobre o tema a fim de ampliar a confiabilidade e abrangência dos resultados alcançados. Sendo assim, estudos sobre o tema revelam-se de grande relevância, uma vez que com o gradual envelhecimento da população mundial mais trabalhadores terão a necessidade de expandir suas vidas profissionais, e aposentados poderão ter que retornar ao trabalho a fim de se manterem ativos e também de obterem novas fontes de renda.

Diante do contexto exposto e com vistas a apresentar uma abordagem não tradicional ao tema da aposentadoria, procuramos explorar neste artigo como as percepções atuais sobre a saúde geral, a qualidade do relacionamento romântico e a renda se relacionam com três dimensões de expectativas em relação à aposentadoria, a saber, sobre a saúde, sobre o relacionamento interpessoal e sobre as finanças. Acreditamos que esta é uma importante contribuição para a área de estudos e de prática, pois pesquisas sobre desengajamento de carreira tendem a contemplar especialmente profissionais próximos à aposentadoria, ou a elaboração de intervenções. Diferentemente do padrão apresentado nos estudos existentes, que propõe ou avaliam programas de preparação para a aposentadoria (Antunes, 2017; Costa & Soare, 2009; Leandro-França, et al., 2013; Leandro-França, et al., 2014b; França, L., 2010; Pazzim & Marin, 2016) ou instrumentos que podem ser utilizados como parte ou avaliação destes programas (Leandro-França, et al., 2014; Rafalski & De Andrade, 2016), o presente trabalho aborda as preocupações e percepções dos

profissionais que ainda não se encontram em fase de Desengajamento em relação a esta etapa do desenvolvimento de suas carreiras.

Método

Participantes

Participaram do estudo 406 trabalhadores, todos autodeclarados como casados ou participantes de união estável no momento da pesquisa. Os participantes foram provenientes de cidades da região sudeste do Brasil e organizados em dois extratos amostrais (estágio de estabelecimento e pré-aposentadoria). A organização dos participantes por proximidade com a aposentadoria parte do pressuposto que tempo para se aposentar afeta percepções e avaliações sobre o fenômeno investigado (Rafalski & De Andrade, 2016).

O grupo de participantes no estágio de estabelecimento contou com 177 participantes (71,2% homens), com idades entre 30 e 39 anos ($M=34,1$ anos; $DP=2,91$ anos), incluindo profissionais atuantes em empresas públicas (70,1%) e privadas (29,9%), com tempo de experiência profissional médio de 12,4 anos ($DP=5,84$ anos). Quanto a escolaridade, 46,3% declaram possuir Pós-Graduação e 35,6% graduação. O grupo de participantes nomeados de pré-aposentadoria e contou com 229 respondentes (69,0% homens), com idades entre 44 a 58 anos ($M=50,0$ anos; $DP=4,00$ anos). Destes 64,6% eram profissionais atuantes em empresas públicas e 35,4% de segmento privado. A média de tempo de experiência profissional foi 27,8 anos ($DP=5,80$ anos). Quanto a escolaridade do grupo, 50,2% declaram possuir Pós-Graduação e 19,7% graduação.

Instrumentos

Para a condução da pesquisa foi elaborado um questionário contendo perguntas para coleta de informações sociodemográficas e laborais, tais como sexo, tempo de serviço, escolaridade e natureza do vínculo profissional. O restante do questionário conteve três medidas psicológicas:

Escala para Avaliação da Percepção Futura da Aposentadoria. O instrumento desenvolvido por Rafalski e De Andrade (2017) avalia aspectos do planejamento futuro do indivíduo como aposentado. A versão original do instrumento possui cinco dimensões, a saber, Percepções de Saúde, Desligamento do Trabalho, Finanças, Relacionamentos Interpessoais e Perdas na Aposentadoria. No presente estudo trabalhou-se apenas com as três dimensões consideradas essenciais para responder a questão apresentada: 1) Percepções de Saúde na Aposentadoria (ex.: Terei

dificuldades para viver minha aposentadoria pela falta de saúde - $\alpha=0,85$); 2) Finanças na Aposentadoria (ex.: Penso que terei uma vida confortável, levando em consideração a pensão que receberei - $\alpha=0,81$) e; 3) Relacionamentos Interpessoais na Aposentadoria (ex.: Acredito que terei bons relacionamentos interpessoais ao me aposentar - $\alpha=0,70$). Todos os itens foram respondidos utilizando uma escala do tipo Likert de cinco pontos, sendo 1 = "discordo fortemente" e 5 = "concordo fortemente".

Escala de Satisfação Geral com o Relacionamento. (Wachelke et al., 2007). Medida breve para avaliação global do relacionamento amoroso, constituída de três itens e com coeficiente de confiabilidade alfa de Cronbach superior a 0,90 (ex.: Estou satisfeito com meu relacionamento), avaliados e respondidos utilizando uma escala do tipo Likert de cinco pontos, sendo 1 = "discordo fortemente" e 5 = "concordo fortemente".

Questionário de Saúde Geral Reduzido (QSG-12). Instrumento unifatorial de 12 itens que avalia aspectos gerais de saúde psicológica (ex. Tenho perdido confiança na vida) (Gouveia, Lima, Gouveia, Freires, & Barbosa, 2012). A precisão do instrumento é considerada boa, com coeficiente de precisão alfa de Cronbach superior a 0,80. Os itens foram respondidos a partir de escalas de intervalo de quatro pontos, sendo 0 = "Não se aplica a mim em nenhum sentido" e 3 = "Aplica-se a mim muito ou na maioria do tempo", onde escores mais elevados, representariam aspectos danosos de saúde geral.

Qualitativamente, para interpretação dos resultados de média, adotou-se o ponto médio de 2,5 para escalas de percepção futura sobre aposentadoria e satisfação geral com o relacionamento. Para o questionário geral de saúde, o ponto de corte maior ou igual a 2 foi estabelecido como referência para classificação de aspectos negativos de saúde.

Procedimentos éticos

O projeto do qual o presente estudo derivou foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo sob número 38697914.8.0000.5542. Os indivíduos convidados a participar da pesquisa foram devidamente esclarecidos sobre seus objetivos e para que pudessem responder os instrumentos de coleta de dados tiveram que concordar em participar da pesquisa através de um termo consentimento livre e esclarecido (TCLE). Esse procedimento visou a atender os procedimentos éticos em pesquisas com seres humanos e adequar o projeto às Diretrizes e Normas de Pesquisa com Seres Humanos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil. Conselho Nacional de Saúde, 2013).

Procedimentos de coleta e análise de dados

A coleta de dados foi realizada com profissionais de empresas públicas e privadas de diferentes regiões do território brasileiro. Convites presenciais (versão impressa do questionário) e online foram feitos após autorização das empresas participantes do estudo. Todos os participantes, depois de lerem as instruções da pesquisa, assinaram o TCLE contido na versão impressa do questionário, afirmando concordar com a participação, ou o fizeram ao marcar o botão "seguir com a pesquisa", na versão online do questionário hospedada em um sítio da internet.

Os dados foram analisados com auxílio do software R (R Development Core Team, 2010). Inicialmente procedeu-se análises descritivas com o conjunto de dados. Posteriormente foram adotados procedimentos de correlação (r de Pearson) entre aspectos multidimensionais da percepção de futuro da aposentadoria, qualidade do relacionamento, saúde geral e renda. Finalmente, procedimentos de modelagem de equações estruturais foram utilizados para identificar as dimensões preditivas das variáveis de aposentadoria. Para tal, tomou-se o escore de percepção geral de saúde, satisfação com o relacionamento e renda como variáveis independentes, e as variáveis de percepção de futuro da aposentadoria como dependentes. Para avaliação de invariância dos modelos recorreu-se ao software AMOS (versão 22), orientando os indicadores de ajuste pelos índices: $\Delta\chi^2$ (recomendando-se valores inferiores a 2, admitindo-se até 5); CFI, NFI, IFI (valores que variam de 0 a 1, quanto mais próximos de 1, melhor ajuste, sendo os valores superiores a 0,90 adotados para bom ajuste do modelo); RMSEA (recomendados valores inferiores a 0,06, mas aceitos valores até 0,08) (Byrne, 2010).

Finalizada a coleta de dados e análises preliminares das informações, devolutivas foram organizadas para empresas participantes com um relatório sintetizado de resultados da pesquisa e com palestras. Participantes que responderam à pesquisa no formulário *online* não tiveram devolutiva de resultados, todavia contato para esclarecimento de dúvidas ou desistência da pesquisa foi disponibilizado pelos responsáveis pelo estudo.

Resultados

A Tabela 1 apresenta os resultados das análises descritivas e de correlações de Pearson para profissionais em Estágio de estabelecimento e Pré-aposentados. Com base nas informações da tabela observam-se no grupo de profissionais em estágio de estabelecimento indicadores de média superiores ao

TABELA 1
Matriz de correlação das variáveis de aposentadoria, qualidade geral do relacionamento, saúde geral e renda

	Média (dp)	1	2	3	4	5	6
Estágio de estabelecimento							
1. Saúde na Aposentadoria	3,68 (0,82)	1					
2. Relacionamento Interpessoal na Aposentadoria	3,84 (0,68)	0,47**	1				
3. Finanças na Aposentadoria	2,90 (0,83)	0,54**	0,21**	1			
4. Qualidade do Relacionamento	4,30 (0,91)	0,07	0,20**	0,17*	1		
5. Saúde Geral	0,77 (0,54)	-0,40**	-0,33**	-0,34**	-0,23**	1	
6. Renda	7613,14 (7314,24)	-0,02	-0,01	0,11	0,09	0,02	1
Pré-aposentadoria							
1. Saúde na Aposentadoria	3,74 (0,72)	1					
2. Relacionamento Interpessoal na Aposentadoria	3,95 (0,62)	0,30**	1				
3. Finanças na Aposentadoria	2,94 (0,78)	0,55**	0,32**	1			
4. Qualidade do Relacionamento	4,36 (0,93)	0,09	0,25**	0,17**	1		
5. Saúde Geral	0,69 (0,56)	-0,44**	-0,16*	-0,31**	-0,14	1	
6. Renda	8878,09 (6830,09)	0,13	-0,04	0,21**	-0,03	0,02	1

** $p < 0,01$.

ponto médio nas escalas de avaliação dos construtos psicológicos (valor de referência 2,5). Entre as facetas futuras de aposentadoria, finanças foi a variável de perspectiva mais reduzida para o grupo de participantes. Quanto ao aspecto de saúde geral (valor inferior ao ponto de corte de 2), constatou-se dimensões positivas de saúde percebida para os respondentes. Para o grupo de participantes em estágio de pré-aposentadoria, identificaram-se resultados semelhantes.

Analisando a matriz de correlações com enfoque nos aspectos de aposentadoria, observa-se no extrato dos participantes em estágio de estabelecimento as relações entre saúde na aposentadoria com saúde geral ($r = -0,40$; para $p < 0,01$), relacionamentos interpessoais na aposentadoria com qualidade do relacionamento ($r = 0,20$; para $p < 0,01$) e saúde geral ($r = -0,33$; para $p < 0,01$) e por fim, finanças na aposentadoria com qualidade no relacionamento ($r = 0,17$; para $p < 0,01$) e saúde geral ($r = -0,23$; para $p < 0,01$).

No grupo de pré-aposentadoria o relacionamento das variáveis indicou correlatos entre saúde na aposentadoria com saúde geral ($r = -0,44$; para $p < 0,01$), relacionamentos interpessoais na aposentadoria com qualidade do relacionamento ($r = 0,25$; para $p < 0,01$) e saúde geral ($r = -0,16$; para $p < 0,01$). E finalmente, finanças na aposentadoria associou-se com qualidade no relacionamento ($r = 0,17$; para $p < 0,01$), saúde geral ($r = -0,31$; para $p < 0,01$) e renda ($r = 0,21$; para $p < 0,01$).

Sequencialmente visando a compreender como as variáveis de qualidade do relacionamento, renda e saúde geral predizem aspectos relacionados ao planejamento da aposentadoria em indivíduos envolvidos em estágios diferentes da aposentadoria procedeu-se à elaboração e teste de modelos de equação estrutural. Foram testados dois modelos, um com participantes com idade inferior a 39 anos ($N = 177$) e o outro com participantes com idade superior a 44 anos ($N = 229$). A Figura 1 apresenta o diagrama dos modelos avaliados.

Analisando o modelo e seus índices de ajuste percebe-se que o mesmo se ajusta em grande parte dos indicadores para ambos os grupos, quando considerados os critérios do CFI, IFI e $\Delta\chi^2$. Os demais critérios ficaram próximos do aceitável (Byrne, 2010), sinalizando a invariância do modelo de traço latente para ambos os extratos amostrais.

Mais especificamente, o modelo demonstra que, para os participantes em estágio de estabelecimento (M1), apenas a saúde geral prediz as dimensões de percepção de futuro da aposentadoria. Já para os participantes em estágio de pré-aposentadoria, o modelo apresenta preditores com significância diferenciada. Para esse grupo, aspectos de qualidade do relacionamento e renda familiar se tornam preditores significativos das dimensões de futuro da aposentadoria. Os resultados de ajuste dos modelos estão apresentados na Tabela 2.

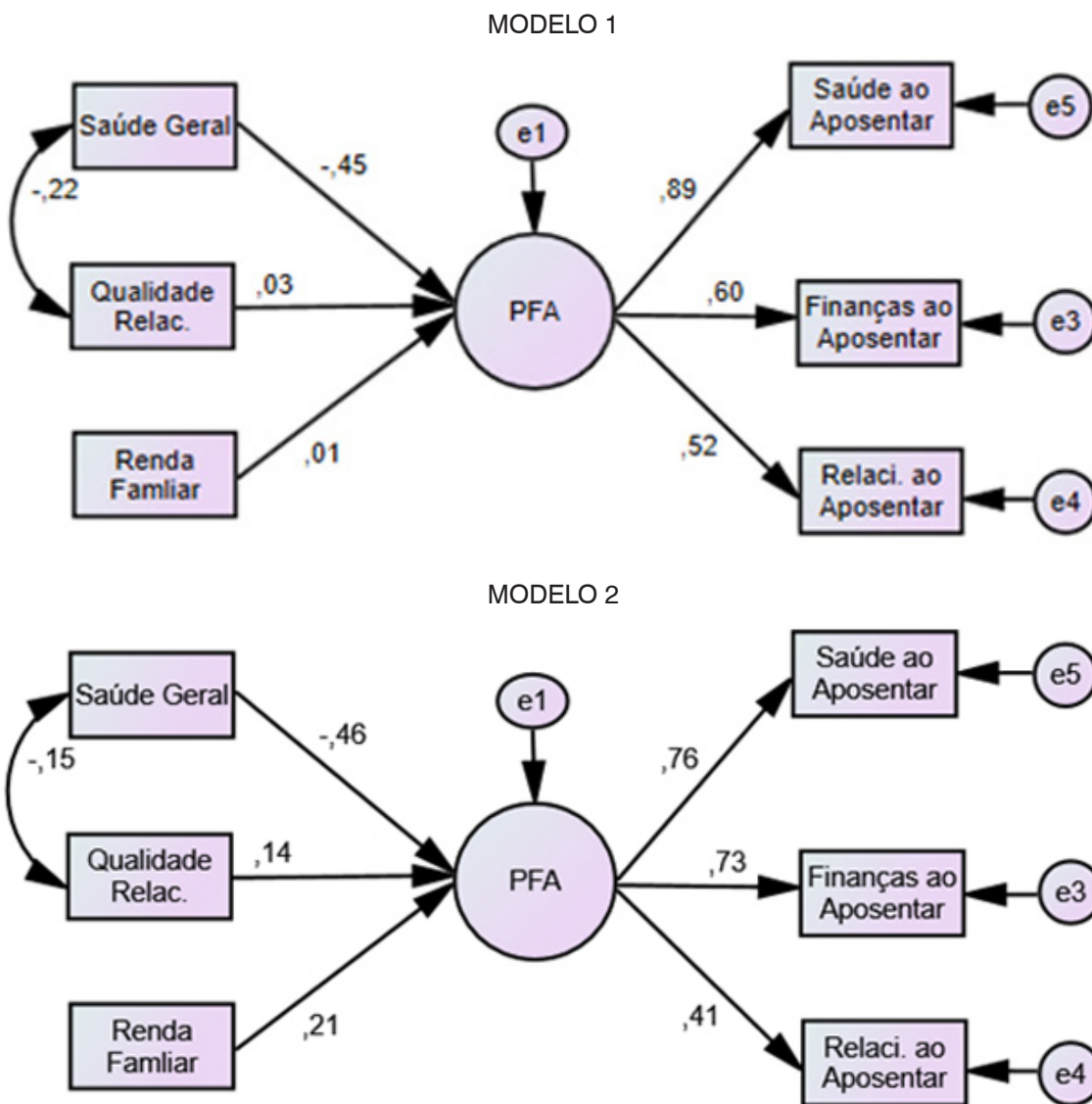


Figura 1. Modelo estrutural de Percepção Futura sobre Aposentadoria (PFA).

TABELA 2.
Modelo de invariância do modelo do traço latente

Modelo	χ^2	gl	CFI	NFI	IFI	RMSEA (90% I.C.)	$\Delta\chi^2$	Sig*
Estágio de estabelecimento (M1)	20,494	8	0,910	0,872	0,918	0,094 (0,044 – 0,146)	2,56	$p < 0,05^*$
Pré-aposentados (M2)	21,37	8	0,919	0,885	0,925	0,086 (0,043 – 0,131)	2,67	$p < 0,05^*$

* Significativo ao nível de $p < 0,05$.

Discussão

O presente trabalho, embora ainda de forma exploratória, buscou contribuir para uma agenda necessária e atual de pesquisas sobre os fenômenos de aposentadoria e suas interações com aspectos

de família e saúde. Com base nas correlações e nos modelos testados, verificou-se que a qualidade do relacionamento romântico, renda e saúde geral contribuem para a predição de dimensões do planejamento da aposentadoria, a saber, relacionamento interpessoal, finanças e saúde. Constatou-se também

que a compreensão das dimensões de percepção de futuro da aposentadoria é mais complexa para pessoas mais próximas do processo de desligamento do trabalho, uma vez que a avaliação sobre a qualidade do relacionamento conjugal e sobre a renda são dimensões que contribuem para a explicação do fenômeno, para além da saúde geral percebida.

Observou-se também que os resultados das análises de correlação apresentados foram semelhantes nos dois extratos amostrais da investigação. Todas as dimensões futuras de aposentadoria e saúde geral estiveram relacionadas, porém com intensidade fraca a moderadas (Hair et al., 2007). Quanto ao relacionamento dos aspectos de aposentadoria com saúde geral, as relações foram existentes tanto para profissionais em estágio de estabelecimento quanto para os em estágio de pré-aposentadoria. Dimensões da qualidade no relacionamento conjugal apresentaram correlação com percepções sobre o relacionamento e as finanças na aposentadoria para ambos os grupos.

Especificamente a renda atualmente declarada, mostrou-se relacionada à percepção sobre as finanças na aposentadoria apenas para participantes em estágio de pré-aposentadoria. É possível que este resultado esteja relacionado ao fato – compreendido mais amplamente por profissionais mais próximos à aposentadoria, os quais tendem a ter filhos mais velhos e ainda dependentes – de que na contemporaneidade, embora os filhos estejam criados, com frequência ainda carecem do amparo financeiro e emocional de seus pais (Antunes, Soares & Moré, 2015).

Ainda a respeito da relação entre a avaliação do contexto financeiro, qualidade do relacionamento atual e percepção sobre esses aspectos na aposentadoria, cabe destacar que para os grupos avaliados neste estudo os correlatos de qualidade conjugal indicam os benefícios da interação diádica para dimensões de relacionamento e finanças na aposentadoria (Kim & Waite, 2014). Resultados semelhantes foram observados por Kim e Waite (2014), no referido estudo homens e mulheres casados apresentaram menores riscos de mortalidade, além de relatarem melhor saúde física, mental e maior felicidade geral do que indivíduos que não são casados ou vivem sozinhos.

Há evidências também de que mudanças no estado civil na aposentadoria devido a divórcio ou morte de um dos parceiros influenciam negativamente a qualidade de vida dos indivíduos aposentados (Hershey & Henkén, 2014), especialmente porque esta etapa tende a ser considerada um recomeço em diversos âmbitos da vida, e pelo fato de os relacionamentos familiares ocuparem lugar de destaque nos projetos para este período (Antunes, Soares, & Moré, 2015). Qualidade

na vida amorosa é, considerando esse contexto, um aspecto favorável para percepção de qualidade de vida e saúde (De Andrade, Garcia, & Cano, 2009), além de apresentar interações psicobiológicas com indicadores de equilíbrio na pressão arterial e estresse (Holt-Lunstad, Birmingham, & Jones, 2008).

Sobre os modelos apresentados, observou-se alguns índices de ajuste dentro da margem esperada e outros muito próximos. Quanto às variações da qualidade do ajuste entre os grupos, credita-se a pequena variação principalmente ao tamanho diferencial das amostras (Byrne, 2010). Na interpretação teórica dos modelos evidencia-se que enquanto no grupo de profissionais em estágio de pré-aposentadoria, a saúde geral, qualidade do relacionamento romântico e a renda predizem as variáveis relacionadas ao planejamento da aposentadoria, para o grupo em estágio de estabelecimento, apenas saúde influencia o julgamento futuro sobre aposentadoria. Nos modelos testados, foi unânime a importância de saúde geral percebida, tal aspecto revelando a centralidade da variável para diferentes aspectos de qualidade de vida no processo de retirada do trabalho (Murta et al., 2014).

Do ponto visto metodológico e avaliativo, compreender fidedignamente processo de planejamento para aposentadoria e seus consequentes junto a participantes brasileiros é um fenômeno muito mais preciso para pesquisas que envolvam pessoas que estejam vivenciando ou muito próximas de experienciar o processo de aposentar-se (Rafalski & De Andrade, 2016). Desta forma, no grupo dos participantes pré-aposentados, as percepções positivas de sua saúde, de qualidade do seu relacionamento romântico e de sua renda constroem crenças mais positivas a respeito de como viverão sua experiência de aposentadoria. É possível que a idade mais avançada e a maior proximidade do momento da aposentadoria tenham levado esses indivíduos a ativarem crenças mais arraigadas quanto ao fenômeno. Segundo Sargent, Lee, Martin e Zikic (2012), tradicionalmente, no que diz respeito aos significados culturais e sentidos pessoais, a aposentadoria é percebida seja como um período inigualável de liberdade, seja como um período de dificuldades e limitações, dependendo da renda de que o indivíduo possa dispor. A garantia de uma boa renda possibilita que a aposentadoria se aproxime de uma de suas imagens mais tradicionais, aquela de um período de recompensa plena pelo trabalho de uma vida inteira e de fruição livre.

De acordo com a literatura, relacionamentos conjugais de qualidade operam como recursos positivos para um ingresso bem-sucedido na fase da aposentadoria (Carter & Cook, 1995; Floyd et al.

1992; Leandro-França et al., 2014a). Segundo os autores, ter vínculos familiares menos estabelecidos dificulta a transição, a adaptação e a capacidade de obter satisfação no momento da aposentadoria, uma vez que o círculo familiar e de amigos passa a ser a maior fonte de estímulos sociais após a saída do trabalho. Apesar de não ter apresentado relação com a percepção sobre a saúde na aposentadoria, a qualidade do relacionamento foi preditora da percepção sobre a qualidade do relacionamento e sobre a situação financeira dos participantes na aposentadoria, para o grupo de participantes em estágio pré-aposentadoria. De acordo com a literatura, a presença de um cônjuge influencia positivamente o planejamento das finanças (Almenberg & Säve-Söderbergh, 2011; Ng, Tay, Tan, & Lim, 2011). Mais especificamente, de acordo com Chou, Yu, Chan, Chan, Lum e Zhu (2014), o suporte do cônjuge influencia positivamente comportamentos relacionados ao planejamento e à administração das finanças.

Em relação à saúde geral, cabe destacar que, diferentemente do que tem sido observado em outros estudos, analisou-se como esta variável, avaliada no momento atual, pode influenciar a percepção futura e o planejamento da aposentadoria. Os resultados evidenciaram um padrão semelhante ao que ocorre em estudos que tomam a saúde geral como desfecho e não como preditor (ex.: Dutra, Costa, & Sampaio, 2016): escores em saúde geral percebida apresentam correlações com as variáveis-alvo investigadas, como também contribuem para a predição de desfechos positivos do processo de planejamento da aposentadoria.

As relações observadas no presente estudo ganham ainda mais relevância na amostra de profissionais mais velhos. Pode-se supor que isso se deva à diferença de idade entre os grupos e aos níveis de preocupação e envolvimento com a tarefa de desengajamento. Lassance e Sarriera (2012) observaram em seu estudo sobre a saliência do papel de trabalhador, valores de trabalho e desenvolvimento de carreira que a idade dos participantes se correlacionou significativa e positivamente com o envolvimento com as tarefas de desengajamento ($r=0,28$; $p<0,001$), demonstrando um efeito evolutivo sobre o envolvimento de carreira. Os autores não observaram diferenças entre os grupos etários para a saliência do papel de trabalhador. Estes resultados, combinados à evidência de correlações entre idade e preocupações com as tarefas de exploração sugerem, segundo os autores, a noção de “grande narrativa” (Savickas, 2005) como paradigma segundo o qual as trajetórias de carreira tendem a ser estruturadas. Propõem então que, embora a carreira contemporânea

tenda a ser construída por cada indivíduo (Ambiel, 2014; Savickas, 2013), ainda se observam demandas sociais calcadas em um padrão de desenvolvimento sequencial.

Os resultados apresentados por este estudo trazem importantes implicações para a prática profissional. Conforme apontam Rafalski e De Andrade (2016), verifica-se que, por envolver o planejamento e a tomada de decisão em favor de comportamentos que promovam confiança para se aposentar, o planejamento da aposentadoria contribui na prevenção de problemas de saúde, para ampliar a capacidade de economizar e administrar o tempo, e desenvolver expectativas para o futuro. Por esse motivo, o número de trabalhos sobre planejamento e programas de preparação/orientação para a aposentadoria vem aumentando. No entanto, observa-se que a maioria das intervenções nesse sentido é embasada na literatura e dirige-se a grupos de profissionais que já estão em processo de desaceleração (Leandro-França et al., 2013; Leandro-França et al., 2014b; Murta et al., 2014).

Os resultados obtidos no presente estudo sugerem que é possível realizar intervenções de planejamento de aposentadoria destinadas a diferentes grupos etários, contanto que os temas abordados contemplem as preocupações características das tarefas de desenvolvimento de carreira com a qual os profissionais encontram-se envolvidos. Nesse sentido, os resultados evidenciam a necessidade de ampliar os estudos sobre aposentadoria a fim de que investiguem os temas com os quais os indivíduos se envolvem e se preocupam ao longo da vida e do processo de preparação para aposentadoria, na direção apontada por França e Soares (2009). Dessa forma será possível realizar programas mais customizados às necessidades percebidas pelos profissionais em diferentes momentos, o que poderá contribuir para que este processo adquira maior sentido e relevância prática para os envolvidos.

Por fim, apesar de trazer resultados profícuos e promissores, o presente estudo apresenta limitações que devem ser apontadas. O primeiro aspecto a se destacar é a composição da amostra em função do procedimento de coleta de dados por convites online. Apesar de o delineamento do estudo ser quantitativo e o tamanho da amostra ser considerado suficiente para a realização das análises (Hair et al., 2007), este não pode ser considerado um recorte representativo da população de trabalhadores brasileiros. Todavia, os dados são expressivos e revelam possíveis agendas de investigação para futuros estudos. Outra ponderação importante diz respeito ao procedimento de coleta online, existe sempre uma grande dúvida sobre o nível de comprometimento dos respondentes e também

sobre o grau de conveniência e interesse no tema. Esse fato, todavia, não desmerece as relações encontradas no estudo, nem tampouco a relevância de futuras investigações sobre o tema.

Outra limitação ainda reside no fato de que as dinâmicas gerais das variáveis preditas neste estudo não foram exploradas em profundidade, aspecto que poderia ser contemplado por futuros estudos. Outra necessária e importante contribuição seria investir em diferentes desenhos metodológicos, em especial delineamentos qualitativos e experimentais. Enquanto os primeiros podem levantar informações inéditas, nem sempre previsíveis por escalas e construtos definidos a priori, os segundos seriam capazes de apontar com maior precisão os efeitos específicos das variáveis relacionadas à família e ao trabalho, seja em dimensões de satisfação com variáveis da vida, ou com aspectos de carreira, como planejamento, desenvolvimento e aposentadoria. Sinaliza-se também a necessidade de investigar como o planejamento financeiro se

dá em diferentes configurações familiares, como as monoparentais, ou chefiadas por mulheres – especialmente quando se considera a distribuição de atribuições entre os membros de um casal, como já referido.

Acreditamos que os achados deste estudo possam suportar o de outras pesquisas e contribuir para a prática profissional, na medida em que sinalizam temas, como saúde e conjugalidade, que possam reforçar a necessidade de que os programas para preparação para a aposentadoria sejam cada vez mais amplos e complexos – bem como as pesquisas na área. Conforme Leandro-França et al. (2014b), em tais programas, a reflexão e o planejamento devem contemplar temas capazes de promover e facilitar a adaptação à aposentadoria e que envolvam tanto aspectos relacionados à vida no trabalho como à vida não trabalho, como por exemplo, mudança no estilo de vida, gestão do tempo, planejamento partilhado com o cônjuge e estreitamento de laços familiares.

Referências

- Adams, G. A. & Rau, B. L. (2011). Putting off tomorrow to do what you want today: Planning for retirement. *American Psychologist*, 66(3), 180. <https://doi.org/10.1037/a0022131>
- Almenberg, J. & Sävje-Söderbergh, J. (2011). Financial literacy and retirement planning in Sweden. *Journal of Pension Economics and Finance*, 10(04), 585-598. <https://doi.org/10.1017/S1474747211000497>
- Ambiel, R. A. M.. (2014). Adaptabilidade de carreira: uma abordagem histórica de conceitos, modelos e teorias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 15-24.
- Anson, O., Antonovsky, A., Sagy, S., & Adler, I. (1989). Family, Gender, and Attitudes Toward Retirement. *Sex Roles*, 20(7-8), 355-369. <https://doi.org/10.1007/BF00287996>
- Antunes, M. H. (2017). Programas de educação para aposentadoria: como planejar, implementar e avaliar. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 17(1), 71-73. <https://doi.org/10.17652/rpot/2017.1.11032>
- Antunes, M. H., Soares, D. H. P., & Moré, C. L. O. O. (2015). Repercussões da aposentadoria na dinâmica relacional familiar na perspectiva do casal. *Psico*, 46(4), 432-441. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.4.19495>
- Boehs, S. D. T. M., Medina, P. F., Bardagi, M. P., Luna, I. N., & Silva, N. (2017). Revisão da literatura latino-americana sobre aposentadoria e trabalho: perspectivas psicológicas. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 17(1), 54-61. <https://doi.org/10.17652/rpot/2017.1.11598>
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. (2013). Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. Routledge.
- Carter, M. A. T. & Cook, K. (1995). Adaptation to retirement role changes and psychological resources. *Career*, 44(1), 67-83. <https://doi.org/10.1002/j.2161-0045.1995.tb00530.x>
- Chou, K. L., Yu, K. M., Chan, W. S., Chan, A. C., Lum, T. Y., & Zhu, A. Y. (2014). Social and psychological barriers to private retirement savings in Hong Kong. *Journal of Aging & Social Policy*, 26(4), 308-323. <https://doi.org/10.1080/08959420.2014.939840>
- Costa, A., B. & Soares, D., H., P. (2009). Orientação psicológica para a aposentadoria. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 9(2), 97-108.
- De Andrade, A. L., Garcia, A., & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 143-156.
- Duarte, C. V. & Leal Melo-Silva, L. (2009). Expectativas diante da aposentadoria: um estudo de acompanhamento em momento de transição. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 45-54.

- Dutra, F. C. M. S., Costa, L. C., & Sampaio, R. F. (2016). A influência do afastamento do trabalho na percepção de saúde e qualidade de vida de indivíduos adultos. *Fisioterapia e Pesquisa*, 23(1), 98-104. <https://doi.org/10.1590/1809-2950/14900923012016>
- Floyd, F. J., Haynes, S. N., Doll, E. R., Winemiller, D., Lemsky, C., Burgy, T. M., & Heilman, N. (1992). Assessing Retirement Satisfaction and Perceptions of Retirement Experiences. *Psychology and Aging*, 7(4), 609-621. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.7.4.609>
- França, C. L., Murta, S. G., Negreiros, J. L., Pedralho, M., & Carvalho, R. (2013). Intervenção breve na preparação para aposentadoria. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14(1), 99-110.
- França, L. H. F. P. & Soares, D. H. P. (2009). Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(4), 738-751. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000400007>
- França, L. H. F. P. & Seidl, J. (2016). Manual da Oxford sobre aposentadoria. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 16(3), 308-310. <https://doi.org/10.17652/rpot/2016.3.732>
- França, L. H. F. P. (2010). Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho: construção de projetos para o pós-carreira. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 10(2), 177-181.
- Gouveia, V. V., Lima, T. J. S., Gouveia, R. S. V., Freires, L. A., & Barbosa, L. H. G. M. (2012). Questionário de Saúde Geral (QSG-12): o efeito de itens negativos em sua estrutura fatorial. *Cadernos de Saúde Pública*, 28(2), 375-384. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012000200016>
- Hair Jr, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R., & Black, W.C. (2007). *Análise Multivariada de dados* (A. S. Sant'Anna & A. C. Neto Trad.). Porto Alegre: Bookman.
- Hershey, D. A. & Henkén, K. (2014). Impact of different types of retirement transitions on perceived satisfaction with life. *The Gerontologist*, 54(2), 232-244. <https://doi.org/10.1093/geront/gnt006>
- Holt-Lunstad, J., Birmingham, W., & Jones, B.Q. (2008). Is There Something Unique about Marriage? The Relative Impact of Marital Status, Relationship Quality, and Network Social Support on Ambulatory Blood Pressure and Mental Health. *Annals of Behavioral Medicine*, 35(2), 239-244. <https://doi.org/10.1007/s12160-008-9018-y>
- Kim, J. & Waite, L. J. (2014). Relationship Quality and Shared Activity in Marital and Cohabiting Dyads in the National Social Life, Health, and Aging Project, Wave 2. *The Journals of Gerontology*, 69(2), 64-74. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbu038>
- Lassance, M. C. P. & Sarriera, J. C. (2012). Saliência do papel de trabalhador, valores de trabalho e desenvolvimento de carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(1), 49-61.
- Lassance, M. C. & Sarriera, J. C. (2009). Carreira e saliência dos papéis: integrando o desenvolvimento pessoal e profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(2), 15-31.
- Leandro-França, C. L., Murta, S. G., Negreiros, J. L., Pedralho, M., & Carvalho, R. (2013). Intervenção Breve na Preparação para Aposentadoria. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14(1), 99-110.
- Leandro-França, C., Murta, S. G., & Iglesias, F. (2014a). Planejamento da aposentadoria: uma escala de mudança de comportamento. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 75-84.
- Leandro-França, C., Murta, S. G., & Villa, M. B. (2014b). Efeitos de uma intervenção breve no planejamento para a aposentadoria. *Psicologia: Organizações e Trabalho*, 14(3), 257-270.
- Menezes, G. S. & França, L. H. (2012). Preditores da decisão da aposentadoria por servidores públicos federais. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 12(3), 315-328.
- Minayo, M. C. S., Cavalcante, F. G., Mangas, R. M. N., & Souza, J. R. A. (2012). Autópsias psicológicas sobre suicídio de idosos no Rio de Janeiro. *Ciência e Saúde Coletiva*, 17(10), 2773-2781. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012001000025>
- Murta, S. G., Abreu, S., Leandro-França, C., Pedralho, M., Seidl, J., Lira, N. P. M., Carvalho, R. K. M., Conceição, A. C., & Gunther, I. A. (2014). Preparação para a aposentadoria: implantação e avaliação do programa viva mais!. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(1), 01-09. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722014000100001>
- Ng, T. H., Tay, W. Y., Tan, N. L., & Lim, Y. S. (2011). Influence of investment experience and demographic factors on retirement planning intention. *International Journal of Business and Management*, 6(2), 196-203. <https://doi.org/10.5539/ijbm.v6n2p196>
- Pazzim, T. A. & Marin, A. (2016). Programas de Preparação para Aposentadoria: Revisão sistemática da literatura nacional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 17(1), 91-101.
- Pereira, A. A. D. S., Couto, V. V. D., & Scorsolini-Comin, F. (2015). Motivações de idosos para participação no programa Universidade Aberta à Terceira Idade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16(2), 207-217.
- R Development Core Team Manual (2010). *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. Foundation for Statistical Computing: Vienna, Austria.
- Rafalski, J. C. & De Andrade, A. L. (2016). Planejamento da aposentadoria: adaptação brasileira da PRePS e influência de estilos de tomada de decisão. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 16(1), 36-45. <https://doi.org/10.17652/rpot/2016.1.648>
- Rafalski, J. C. & De Andrade, A. L. (2017). Desenvolvimento da Escala de Percepção de Futuro da Aposentadoria (EPFA) e Correlatos Psicossociais. *Psico-USF*, 22(1), 49-62. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220105>
- Rodrigues, M., Harumi Ayabe, N., Frollini Lunardelli, M. C., & Canêo, L. C. (2005). A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. *Revista brasileira de orientação profissional*, 6(1), 53-62.

- Sargent, L. D., Lee, M. D., Martin, B., & Zikic, J. (2012). Reinventing retirement: new pathways, new arrangements, new meanings. *Human relations*, 66(1), 3-21. <https://doi.org/10.1177/0018726712465658>
- Sarriera, J. C., Schwarcz, C., & Câmara, S. G. (1996). Bem-estar psicológico: análise fatorial da Escala de Goldberg (QSG-12) numa amostra de jovens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 293-306.
- Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.). *Career development and counselling: Putting theory and research to work* (pp. 42-70). Hoboken: Wiley.
- Savickas, M. L. (2013). The theory and practice of career construction. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.). *Career development and counselling: Putting theory and research to work* (2ª ed., pp. 147-183). Hoboken: Wiley.
- Super, D. E. (1957). *The psychology of careers*. New York: Harper and Row.
- Super, D. E. (1980). A life-span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16, 282-298. [https://doi.org/10.1016/0001-8791\(80\)90056-1](https://doi.org/10.1016/0001-8791(80)90056-1)
- Super, D. E., Savickas, M. L., & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. In D. Brown & L. Brooks (Eds.). *Career choice and development* (3rd ed., pp. 121-178). San Francisco: Jossey-Bass.
- Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L., Souza, A. M., & Cruz, R. (2007). Estudo complementar da validade fatorial da Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento e predição de satisfação global com a relação. *Psico-USF*, 12(2), 221-225. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712007000200010>
- World Health Organization. (2002). *Active ageing: a policy framework*. Madrid, Spain.
- Zanelli, J. C. (2012). Processos psicossociais, bem-estar e estresse na aposentadoria. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 12(3), 329-340. ■

Autores:

Alexsandro Luiz De Andrade – Doutor, Universidade Federal do Espírito Santo.
Julia Carolina Rafalski – Mestre, Universidade Federal do Espírito Santo.
Luiz Gustavo Silva Souza – Doutor, Universidade Federal Fluminense.
Manoela Ziebell de Oliveira – Doutora, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Endereço para correspondência:

Alexsandro Luiz De Andrade
Av. Fernando Ferrari, 514 – Goiabeiras
2907591 – Vitória, ES, Brasil
<alexsandro.deandrade@yahoo.com>

Recebido em: 06.08.2016

Aceito em: 30.08.2017